

A INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE DO MUNICÍPIO DE LIMEIRA EM FACE DO CONTEXTO INDUSTRIAL PAULISTA

Olga Lúcia Castreghini de F. Firkowski*
Silvia Selingardi Sampaio**

I PROPOSIÇÃO

No Estado de São Paulo, o mais industrializado do Brasil, a atividade industrial apresenta quatro grandes concentrações: a da Área Industrial Metropolitana, a maior de todas, a da Área Industrial da baixa Anhanguera, a da Área industrial do Eixo Rodoviário São Paulo – Rio de Janeiro e a da Área Industrial Ribeirão Preto (Sampaio, 1982). A Área Industrial da Anhanguera compreende alguns dos municípios mais industrializados do Estado, que se estendem ao longo e nas até aproximadamente 200 km. em sentido norte: Jundiaí, Campinas, Americana, Piracicaba, Limeira, Araras, entre outras. Genericamente, em tais municípios, a instalação de indústrias controladas por capitais estrangeiros, geralmente multinacionais, e por empresas sediadas na metrópole paulistana, representou parcela expressiva da industrialização recente (após 1960).

Procurando elucidar e exemplificar tal processo, escolheu-se o município de Limeira (fig. 1) como objeto de pesquisa; dela o presente trabalho sintetiza os resultados, focalizando a industrialização limeirense em sua fase mais recente, caracterizada pela entrada de capitais externos ao município e por algumas importantes mudanças estruturais.

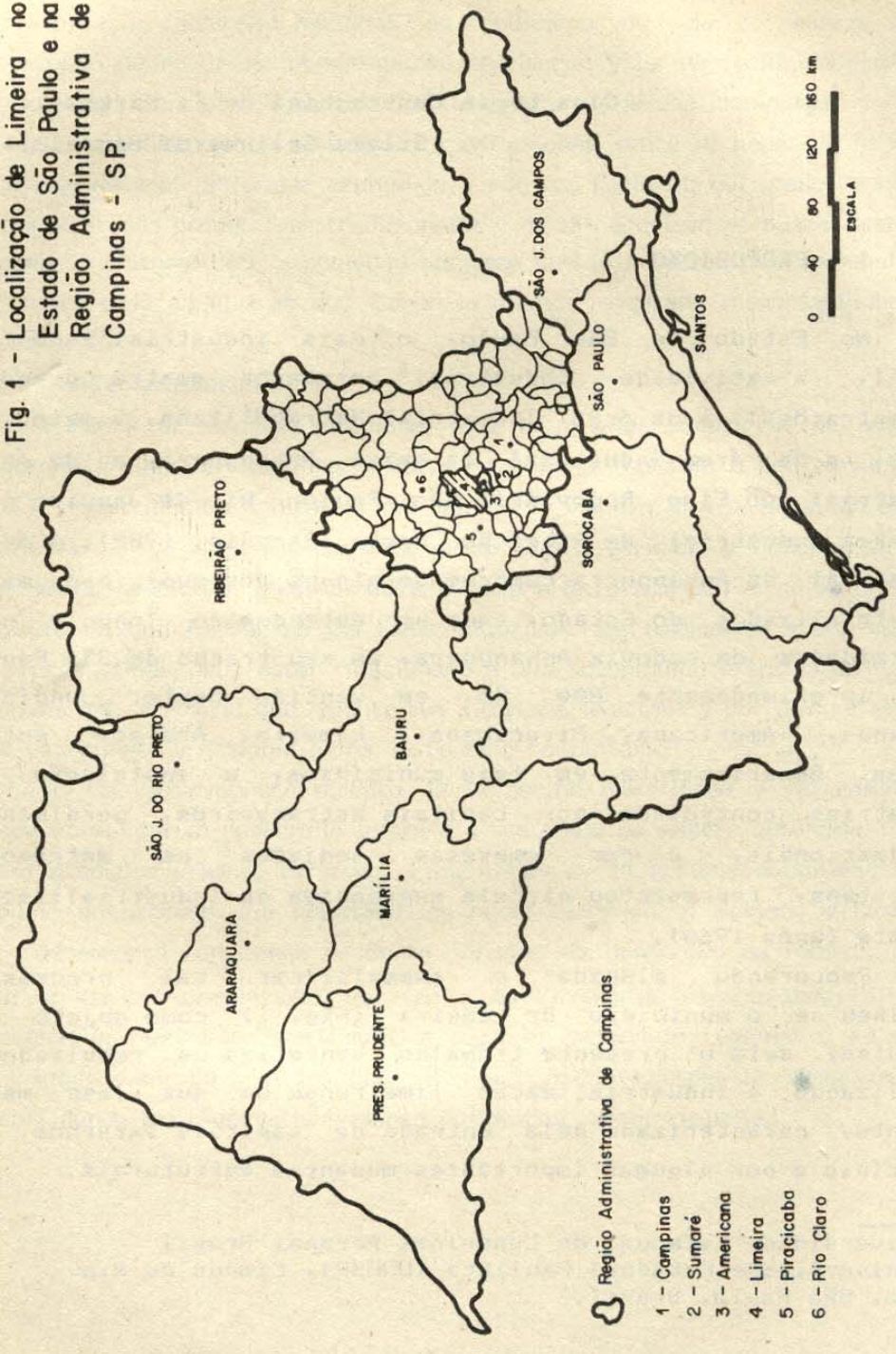
Os principais processos aqui analisados – a industrialização recente de um município paulista e as mudanças ocorridas em sua dinâmica e em sua estrutura industriais – apresentam estreita vinculação com outros mais abrangentes: a nível mundial, com a criação de um sistema de produção industrial, fruto, em grande parte, da internacionalização do capital após 1950; a nível nacional, com a transformação do capital após 1950; a nível nacional, com a transformação do Brasil em um NIC (Newly Industrialising Country); a nível regional, com a descentralização industrial que ocorre, desde os anos 60, a partir da metrópole paulistana.

Segundo Maza Zavala (1976), o capitalismo tem passado por etapas diversas em seu processo de desenvolvimento, quais sejam, o capitalismo liberal, o capitalismo monopolista simples, o capitalismo de participação direta do Estado e, desde o fim da Segunda Guerra Mundial, o capitalismo transnacional. Este é caracterizado pela intensificação da internacionalização do grande capital, oriundo dos países desenvolvidos, pela criação de um sistema mundial de produção industrial e pelo aparecimento de uma Nova Divisão Internacional do Trabalho.

* Universidade Estadual de Londrina, Paraná, Brasil

** Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil.

Fig. 1 - Localização de Limeira no Estado de São Paulo e na Região Administrativa de Campinas - SP.



Região Administrativa de Campinas

- 1 - Campinas
- 2 - Sumaré
- 3 - Americana
- 4 - Limeira
- 5 - Piracicaba
- 6 - Rio Claro

0 40 80 120 160 km
ESCALA

A internacionalização do capital financeiro e produtivo decorreu da busca de taxas mais elevadas de acumulação capitalista. No setor industrial, a instalação de fábricas (novas) ou transferidas) de grandes corporações em regiões e países diferentes, com maiores vantagens para o capital, incorporou novas áreas geográficas ao espaço tradicionalmente industrializado e fez surgir um sistema global de produção industrial, possibilitado ainda pelo grande avanço tecnológico dos meios de transportes e de comunicações (Gachelin, 1977:65). Emergiu, conseqüentemente, uma Nova Divisão Internacional do Trabalho, caracterizada por “velhos” países industriais, agora exportadores não só de máquinas e equipamentos mas também de tecnologia e de capitais, e por alguns novos países industrializados (NICs), exportadores principalmente de bens de consumo. Em suma, “um grupo relevante de economias nacionais transformou-se em campo de absorção de investimentos produtivos, contribuindo para que o capital se reproduza a uma taxa de lucro mais elevada e num ritmo mais intenso. Assim, alguns países da periferia deixaram, de há muito, sua condição de exportadores de produtos primários” (Coutinho e Belluzzo, 1983:23).

Entre esses países o Brasil se destaca. Sua industrialização, à semelhança de outros países latinoamericanos, caracterizou-se pela substituição de importações, primeiramente de bens de consumo não-durável e intermediário (fins do século XIX, primeiras décadas do século XX), depois de bens duráveis (a partir da década de 30 e especialmente nos anos 40 e 60). Os investimentos industriais foram provenientes de três fontes: da iniciativa privada nacional, dotada de restritos recursos financeiros e tradicionalmente vinculada à produção de bens de consumo não durável e ao setor metalomecânico, gêneros desenvolvidos com grande participação de imigrantes europeus e seus descendentes; do Estado nacional, responsável, a partir da década de 30 e especialmente após 1950, pela paulatina dotação do país de indústrias básicas, caracterizadas por grandes investimentos com retorno a longo prazo (siderurgia, refinação de petróleo, química pesada) e, por isso mesmo, não atraentes para o empresariado nacional; e da poupança externa, captada predominantemente ao longo de dois períodos, 1953 – 1960 e 1967 – 1974, conjugando a ação estatal de incentivo à entrada de investimentos estrangeiros (através de estímulos cambiais, tarifários e creditícios) ao movimento global de internacionalização dos capitais oriundos dos países desenvolvidos do sistema capitalista. Desta forma, empresas estrangeiras, além de promoverem a instalação da indústria automobilística no Brasil, responsabilizaram-se por expressivas parcelas do crescimento de outros setores expressivas parcelas do crescimento de outros setores (metalurgia, máquinas, motores e equipamentos industriais, material ferroviário, construção naval, tratores e máquinas de terraplanagem, química e petroquímica, plásticos), conseguindo ainda forte domínio em outros (material elétrico, máquinas e equipamentos para escritório, produtos médicos e farmacêuticos, borracha). Integrava-se assim o Brasil à Nova Divisão Internacional do Trabalho sob a condição de NIC, participando do sistema de produção internacional através das indústrias multinacionais instaladas e do mercado internacional através da exportação de produtos manufaturados.

A nível espacial, o processo de industrialização resultou inicialmente na concentração de indústrias na área metropolitana de São Paulo. Entre outros fatores, as economias de aglomeração foram decisivas para tal concentração geográfica, que “está diretamente ligada à concentração econômica, já que as atividades modernas pretendem uma localização de acordo com a hierarquia, cujo ápice é encontrado onde a maximização da produção é possível. Comumente isso ocorre em aglomerações onde outras modernas atividades foram previamente estabelecidas, tendo sido atraídas para aí pelo “grande capital” e pela viabilidade de um mercado” (Santos, 1982: 142).

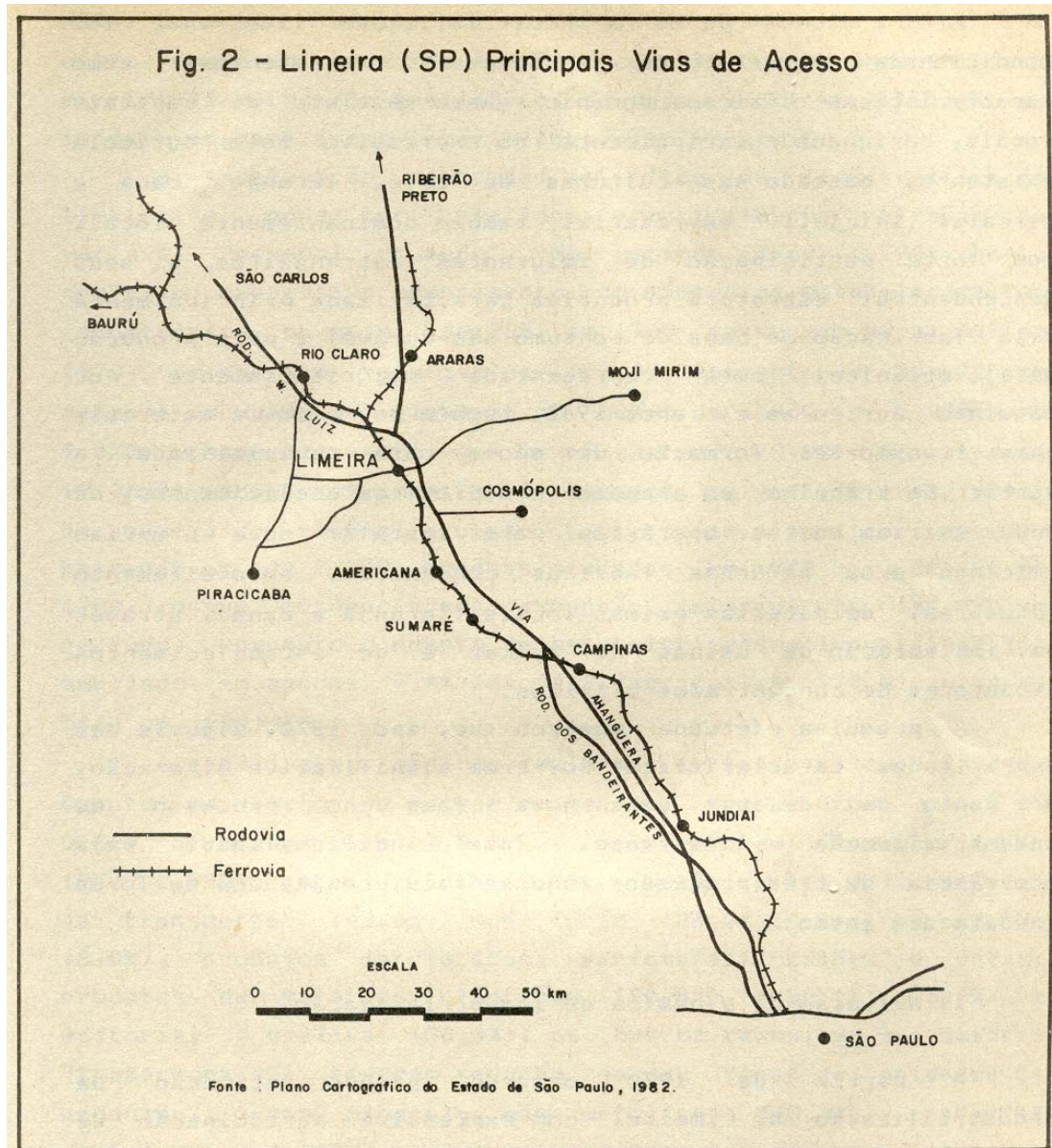
Durante os anos 60, a metrópole paulistana já dava sinais de concentração excessiva de atividades industriais, e um processo de “interiorização” de fábricas começa a ocorrer. Segundo Townroe e Roseman (1982), tal descentralização resultou das deseconomias de aglomeração geradas pelo excessivo crescimento da metrópole, deseconomias representadas por problemas com transportes e poluição, por altos preços do solo urbano, por forte atuação sindical com conseqüente aumento do custo da mão-de-obra. Na década de 70, Azzoni (1985:247) constatou que o “crescimento industrial na área metropolitana foi inferior ao crescimento do anel de 150 km em torno dessa área”; estaria ocorrendo, para alguns (Townroe e Keen, 1984), uma “reversão de polarização”, para outros (Azzoni, 1985; Storper, 1987), um processo de deslocamento das unidades produtivas para áreas não muito distantes da metrópole, deslocamento orientado pelos grandes eixos rodoviários de ligação metrópole – interior (rodovias Anhanguera, Washington Luís, Castelo Branco) e interestadual (rodovia Dutra). O poder decisório, entretanto, mostra tendência a se concentrar cada vez mais na metrópole, caracterizando o processo de “interiorização” das indústrias menos como uma “reversão da polarização” e mais como uma “desconcentração concentrada”, ou seja, um simples espraiamento ou extensão territorial das indústrias dentro da área mais industrializadas do país.

Foi vinculada a todos os processos acima descritos, do nível mundial ao regional, que se procurou analisar a industrialização recente de Limeira. Aspecto fundamental da pesquisa foi o trabalho de campo, que constou da aplicação de formulários (com 33 grandes questões, a maioria delas desdobradas em outras) junto aos 51 maiores estabelecimentos industriais do município, segundo o número de pessoal ocupado. Os resultados obtidos são aqui apresentados e interpretados.

II – ANÁLISE DA INDUSTRIALIZAÇÃO RECENTE

O município de Limeira localiza-se na Região Administrativa de Campinas, 150 km a noroeste da cidade de São paulo, à qual se liga por eixos rodoviários (vias Anhanguera e Bandeirantes) e ferroviários (fig. 2). Segundo dados do I.B.G.E., havia no município, em 1980, 150.588 habs., dos quais 91,5% na área urbana e 8,50% na área rural; seu parque industrial, na mesma data, era composto por 483 unidades de produção, representativas de 21 diferentes gêneros (predominantemente dos “motrizes”) e ocupando 47,8% da população

economicamente ativa do município. Tal contingente de pessoas ocupadas pelo setor secundário (29.059 em 1980) colocava Limeira como o quinto município mais industrializado da Região Administrativa de Campinas, superado apenas por Campinas, Jundiaí, Americana e Piracicaba.



Até a década de 60 a industrialização limeirense foi condicionada por fatores endógenos e apresentava como características básicas: domínio quase absoluto de capitais locais, oriundos principalmente do expressivo setor agrícola existente, baseado nas culturas de café, laranja, cana e cereais; iniciativa empresarial também predominantemente local, com forte participação de imigrantes estrangeiros e seus descendentes; estrutura produtiva caracterizada principalmente pela fabricação de bens de consumo não-de-obra especializada, a partir do trabalho

em grandes e médios estabelecimentos, de onde saíam muitos operários para instalar suas próprias oficinas e/ou pequenas fábricas congêneres; aproveitamento industrial de matérias-primas locais (laranja e cana), através da implantação de usinas de açúcar e de estabelecimentos produtores de concentrados cítricos.

A pesquisa efetuada mostrou que, após 1970, algumas das supracitadas características sofreram significativa alteração, a ponto de definir uma nova fase no processo de industrialização limeirense, fase individualizada pela ocorrência de três processos fundamentais, conjugados de forma inédita até então:

Ativação da dinâmica de industrialização

A partir de 1970 ocorreu grande ativação da industrialização de Limeira, com expressiva participação de investimentos externos ao município. Tal processo refletiu, de um lado, o que ocorria a nível nacional, ou seja, um dos períodos de maior crescimento econômico do país, principalmente do setor industrial, conhecido como o “milagre brasileiro”, caracterizado ainda pela integração do Brasil ao sistema produtivo capitalista internacional, sob a forma de NIC; de outro lado, a citada ativação também se integrou a outro processo, este de âmbito regional, que se desenvolvia a partir da metrópole paulistana, ou seja, a descentralização de indústrias para áreas interioranas mais próximas.

A aceleração ocorrida no ritmo da industrialização limeirense pode ser avaliada principalmente através da variável “pessoal ocupado”. No período 1960 – 70, havia ocorrido expressivo crescimento do número de estabelecimentos industriais, ou seja, de 228 em 1960 passou-se para 462 em 1970, um aumento relativo de 102,0%, enquanto o número de pessoal ocupado se elevava, no mesmo período, de 5.075 para 9.079, respectivamente, uma expansão de 78,9%. No período 1970-80, aconteceu importante mudança, ou seja, o crescimento do número de pessoal ocupado acelerou-se significativamente, passando-se de 9.079 pessoas ocupadas em 1970 para 22.154 em 1980, o que evidencia uma expansão relativa de 144,0% no período, enquanto o número de estabelecimentos industriais foi ampliado em apenas 0,4% (de 462 fábricas em 1970 alcançou-se 504, em 1980).

A análise por gêneros esclarece certas particularidades. Quanto ao número de estabelecimentos, dez gêneros, entre os vinte arrolados pelo I.B.G.E., apresentaram expansão entre 1970 e 1980: metalúrgica (43,0%), mecânica (15,0%), material de transporte (43,0%), mobiliário (25,0%), têxtil (20,0%) e editorial e gráfica (38,0%); os outros ramos, em sua maioria “tradicionais”, tiveram redução em seu total de unidades de produção, como minerais não metálicos (-0,16%), material elétrico (-0,19%), madeira (-0,34%), borracha (-0,34%), couros, peles e similares (-0,67%), QUÍMICA (-0,34%), vestuário, calçados e artefatos de tecidos (-0,12%), produtos alimentares (-0,21%), bebidas (-0,45) e “diversos” (-0,33%). Em relação ao número de pessoal ocupado, a expansão foi generalizada, ainda no período 1970 – 80, e apenas os ramos “madeira” e “bebidas” apresentaram redução no número de empregados (-0,03% e 0,30%, respectivamente). Entre os gêneros com maior crescimento relativo do número de

peçoal ocupado podem ser citados os de matérias plásticas (840,0%), material de transporte (326,0%), material elétrico (252,0%), mobiliário (252,0%), papel (208%), têxtil (207,0%), mecânica (157,0%), produtos alimentares (132,0%) e metalúrgica (105,0%).

Duas inferências principais podem ser feitas a partir dos fatos e dados acima expostos. A primeira é que a variável “número de peçoal ocupado” é a que melhor reflete a grande ativação da industrialização que Limeira viveu entre 1970 e 1980, ativação esta que apareceria “mascarada” se se levasse em consideração apenas a variável “número de estabelecimentos”. A segunda é que o contraste existente entre o ritmo de crescimento do número de estabelecimentos e o do peçoal ocupado sugere a ocorrência de uma concentração técnica da produção, devida à ampliação da produção e dos efetivos de mão-de-obra de estabelecimentos já existentes, ao surgimento de novas grandes fábricas e ao desaparecimento de muitas pequenas indústrias.

Reforço da estrutura de produção preexistente e ascensão de gêneros “motrizes”

A estrutura produtiva foi considerada como sendo composta, primordialmente, pelos cinco gêneros mais representativos ao longo do tempo quanto ao número de estabelecimentos existentes e, quando os dados eram disponíveis, quanto ao peçoal ocupado.

A principal constatação que se pode fazer é que a estrutura de produção da indústria limeirense manteve-se praticamente inalterada, dos anos 50 até 1980, quanto a três de seus cinco gêneros componentes (mecânica, metalúrgica, produtos alimentares), ou seja, estes três ramos figuraram entre os cinco mais importantes em todo o período citado. No entanto, deve-se destacar que ocorreram mudanças quanto às posições detidas por tais gêneros, os “tradicionais” evidenciaram um comportamento inverso. Desta forma, constatouse que o ramo “produtos alimentares” manteve-se na primeira posição de 1943 a 1960, caindo em 1970 para o terceiro lugar e em 1980 para a quarta posição; o gênero “transformação de minerais não metálicos”, que figurou entre os cinco mais importantes de 1943 a 1980, subiu do quarto lugar em 1943 para o segundo em 1960, caindo para a quarta posição em 1970 e para a quinta em 1980; já os ramos “vestuário” e “bebidas”, que apareceram entre os cinco mais importantes de 1943 a 1960, perderam definitivamente tais posições após esta data. À perda de importância relativa dos gêneros supracitados correspondeu notável ascensão dos ramos “mecânica” e “metalúrgica”, que estabeleceram em 1970 (100 e 58 estabelecimentos, respectivamente) e os mantiveram em 1980 (115 e 83 unidades de produção, respectivamente). Tais ramos, além de continuarem a fazer parte dos cinco mais representativos como nas décadas anteriores, só que agora em posição de liderança, também mantiveram um ritmo satisfatório de crescimento do número de estabelecimentos no período de 70 a 80 (15,0% para a “mecânica” o 43,0% para a “metalúrgica”). E apresentaram elevadas taxas de crescimento do peçoal ocupado (157,0% para o “mecânico” e 105,0% para o “metalúrgico”). Outro gênero “motriz” que apresentou grande expansão no citado período (43,0%

quanto ao número de estabelecimentos e 326,0% quanto ao número de pessoal ocupado) foi o de material de transporte, que em 1980 assumiu a terceira posição entre os cinco gêneros mais importantes.

A industrialização recente de Limeira caracterizou-se, pois, pelo reforço da estrutura produtiva preexistente, embora com significativas trocas de posições entre os gêneros mais importantes e marcante ascensão dos ramos “motrizes”. Os capitais externos, que foram investidos no município principalmente após 1970, não modificaram a estrutura produtiva então vigente, mais sim contribuíram para consolidá-la ainda mais, pois foram direcionados para os ramos mais importantes como o “mecânica”, o “metalúrgica”, o “produtos alimentares”, predominantemente sob a forma de compra de estabelecimentos já existentes.

Mudança na estrutura financeira

A alteração na estrutura financeira do conjunto industrial limeirense ocorreu com a mudança na composição dos capitais industriais, passando-se de uma situação de domínio quase absoluto de capitais locais para outra de coexistência mais equilibrada entre os capitais locais e os externos. Foi a entrada destes que desencadeou a modificação acima descrita, que por sua vez implicou em alterações no sistema de relações da cidade, através da ampliação dos laços econômicos a nível nacional e internacional e de mudança do centro do poder decisório que, em muitos casos deixou de ser Limeira.

As alterações financeiro/administrativas ocorreram também em relação às empresas de capital local. Muitas passaram a ter, sob seu controle, outros empreendimentos e outras atividades que não a industrial, localizados em diferentes áreas do país.

As informações obtidas através dos formulários aplicados (40 estabelecimentos responderam de forma satisfatória) permitiram o esclarecimento da estrutura financeira. Quanto ao controle do capital atual, os 40 maiores estabelecimentos industriais de Limeira podem ser agrupados em três classes: 1) estabelecimentos gerados e atualmente controlados por capitais locais (28 ou 70% do total); 2) estabelecimentos gerados por capitais locais e atualmente controlados por capitais externos ao município (7 estabelecimentos ou 17,5% do total); 3) estabelecimentos gerados por investimentos externos e por eles controlados até hoje (5 estabelecimentos ou 12,5% do total).

Como ficou evidente, 30% das 40 maiores fábricas limeirenses são atualmente controladas por capitais externos ao município (nacionais e/ou estrangeiros), e tal fato merece exame detalhado. Dos estabelecimentos surgidos de iniciativas empresariais locais e posteriormente controlados por capitais externos, podem ser citados: duas indústrias de papel, a Limeira S.A. e a Ripasa, compradas por capitais paulistanos em 1958 e 1965, respectivamente; a Mastra, indústria metalúrgica, adquirida em 1972 também por empresários paulistanos; a Rodas Fumagalli S.A., maior fabricante nacional, e a Invicta Máquinas para Madeira,

compradas em 1973 e 1974, respectivamente, pela Rockwell International, grande corporação de origem norte-americana; a Solimaq, também fabricante de máquinas para madeira, adquirida em 1974 por um grupo nacional com sede em São Paulo; e a Avante S.A. Produtos Alimentícios, indústria de sucos cítricos, absorvida em 1977 por uma “gigante” do ramo, a Citrosuco, empresa com participação de capitais brasileiros e alemães (50% cada).

Os estabelecimentos gerados por capitais externos e por êles controlados até hoje são cinco: o da Cia. União dos Refinadores de çúcar e Álcool, surgido em 1954 de capitais nacionais; o de produtos alimentícios da empresa japonesa Ajinomoto, instalado em 1977; a indústria Hebenstreit Sollich – Máquinas para Indústrias Alimentícias, implantada também em 1977 por capitais alemães; e o estabelecimento da Braspectina, produtor de pectina cítrica, resultado da associação de capitais ingleses do Grupo Bulmer e de capitais provenientes da Citropectina, indústria local de sucos cítricos.

O papel desempenhado e a importância detida pelos investimentos externos na industrialização recente de Limeira podem ser assim definidos:

as indústrias controladas por capitais externos, apesar de serem minoritárias quanto ao número de estabelecimentos, são de grandes dimensões e ocupam elevado contingente de mão-de-obra. Em 1986, das 17.233 pessoas ocupadas nos 40 maiores estabelecimentos do município, 9.952 pessoas ou 57,7% do total eram empregadas pelas 12 indústrias de capital externo, enquanto os restantes 42,3% se distribuíam pelos 28 estabelecimentos controlados por capitais locais. Tal fato, obviamente, submete grande parcela do emprego industrial limeirense a um poder decisório externo, certamente não comprometido com os interesses locais.

Os investimentos externos pouco influenciaram no surgimento de novas unidades de produção (apenas 5), mas sim foram aplicadas na compra de estabelecimentos já em atividade e bem sucedidos, o que de resto aconteceu não só em Limeira mas em muitas outras cidades brasileiras, evidenciando a fragilidade relativa de capitais locais no confronto com a fragilidade relativa de capitais locais no confronto com o “grande capital” nacional e, principalmente, com o internacional. Como já foi salientado anteriormente, os capitais externos também não foram responsáveis pela implantação de novos gêneros e/ou setores de produção industrial, mas sim direccionados para ramos já desenvolvidos e expressivos, contribuindo assim para a consolidação da estrutura de produção preexistente.

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo realizado mostrou que a industrialização de Limeira desenvolveu-se ao longo de dois períodos distintos. O primeiro, identificável até a década de 60, e já analisado em trabalho anterior (Sampaio, 1972), foi sustentado por pujantes forças locais (capitais, iniciativa empresarial, mão de obra especializada, relações funcionais com a agricultura) e reforçado pelo encaminhamento da própria industrialização nacional, no que concerne ao incentivo à produção de máquinas e material de transportes, especialmente após 1955, com o advento da indústria

automobilística e início da segunda fase do processo nacional de substituição de importações, baseado na produção de bens duráveis e intermediários. O segundo período, após 1970, veio acrescentar às forças locais de industrialização agentes externos, integrando Limeira ao processo de internacionalização de capitais nacionais/paulistanos a partir da metrópole de São Paulo. Neste contexto, Limeira difere de alguns outros municípios inseridos na mesma região industrial (como Rio Claro, estagnado economicamente nos anos 60 e reativado em sua dinâmica industrial por investimentos externos (Sampaio, 1987), ou Sumaré): ao ser alcançada pela “onda industrializante” ou pela “desconcentração concentrada” (Azzoni, 1985), que da capital se espraiou por certas áreas interioranas, já apresentava um expressivo parque industrial, principalmente no setor metalomecânico, de bases endógenas. Esta evolução industrial bem sucedida foi portanto um dos fatores de atração para o capital externo, assim como a excelente posição geográfica do município. De menor importância, segundo as respostas obtidas, foram a existência de mão-de-obra especializada, a disponibilidade de certas matérias-primas, como a laranja, e a política de incentivos implementada pelo poder local.

BIBLIOGRAFIA CITADA

Azzoni, C.R., 1985, Indústria e Reversão de Polarização no Brasil: O caso do Estado de São Paulo. São Paulo; USP/FEA, Tese de Livre Docência.

Coutinho, L e Belluzzo, L.G., 1983, Desenvolvimento Capitalista no Brasil, (Ensaio sobre a Crise). São Paulo: Editora Ática.

Gachelin, C., 1977, La Localisation des Industries. Paris: P.V.F.

Maza Zavala, D., 1976, “Orígenes y características de la crisis capitalista actual”. Revista Latino Americana de Economía, México, 26:23-48.

Sampaio, S.S., 1972, “A industrialização de Limeira: aspectos geográficos”. Geografia das Indústrias, São Paulo, IGEOG-USP, no. 4.

Sampaio, S.S., 1982, “Padrões de distribuição industrial no estado de São Paulo: áreas mais representativas – 1950 – 1970”. Revista de Geografia, São Paulo, 1:7-24.

Sampaio, S.S., 1987, “A industrialização de Rio Claro. Contribuição ao estudo da desconcentração espacial da indústria no Estado de São Paulo” Revista Geografia, Rio Claro, 24:1-60.

Santos, M., 1982, Espaço e Sociedade. Petrópolis: Editora Vozes.

Storper, M., 1987, Desenvolvimento Econômico e a Questão Regional: Industrialização, Polarização e a Distribuição de Renda. Mimeografado.

Townroe, P. e Roseman, J., 1982, "Sectoral influences on spatial changes in manufacturing: São Paulo State, Brazil, 1960 –1975". Latim American Regional Conference, São Paulo, U.G.I.

Townroe, P. e Keen, D., 1984, "Polarisation reversal in the State of São Paulo, Brazil". Regional Studies, London, Journal of the Regional Studies Association, 18(1): 45-54.